

O PESO DA MANUTENÇÃO HEGEMÔNICA

Daylhane Cunha, 3º período

A perspectiva de questionar a permanência dos Estados Unidos como potência hegemônica nesse século é tema de debate no artigo “Fundamentos, contradições e conseqüências hegemônicas”. No texto, publicado na revista Política Externa, v.11, pela Editora Paz e Terra, de São Paulo, Gilberto Dupas foca a problemática dos ataques de 11 de setembro, as atitudes tomadas e reações à postura unilateral americana.

A exposição inicia-se por meio de uma comparação entre as posturas americanas pré e pós-11 de setembro. Os Estados Unidos partem de um discurso arrogante baseado na tese de Fukuyama: o colapso da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do socialismo significaria o fim da história, sob a liderança americana. A potência capitalista passa a adotar, no entanto, uma posição de menor confiança, violentamente defensiva. Os atentados terroristas, portanto, funcionaram como alerta: o poder do Império estava sendo questionado.

O artigo prossegue com as diferentes visões entre Europa e Estados Unidos (EUA) a respeito do terrorismo e, conseqüentemente, com as maneiras de lidar com ele. O primeiro não considera tal questão um problema estratégico. O Reino Unido, por exemplo, confere à polícia local a tarefa de controlar o IRA (Exército Republicano Irlandês). Já o último acredita que o terrorismo precisa ser extirpado, isto é, somente intervenção radical é capaz de contê-lo. Mediante tais pontos de vista, o melhor a ser feito, segundo os europeus, é conviver. Em contrapartida, a reação estadunidense é inundar o mundo árabe-islâmico com propaganda ideológica por meio de valores americanos que seriam aspirações universais.

Observa-se, entretanto, que essa projeção agressiva dos Estados Unidos, na realidade, provoca efeito inverso, pois a nova geração de árabes adere ao radicalismo islâmico como forma desesperada de confrontar a política ianque de imposição de valores ou ingerências, tais as que ocorrem no Iraque e na Palestina.

Os acontecimentos analisados sugerem que a atual superpotência poderia se encontrar num estágio de declínio da capacidade hegemônica e até mesmo passível de ser substituída por outra, a China. Tal constatação é relevante se a tese defendida por Joseph Nye for levada em consideração. O estudo mencionado propõe formas de uma potência manter-se por mais tempo no poder.

A fim de essa pretensão ser garantida, as atitudes dos Estados deveriam ser conduzidas para o uso do *softpower* em detrimento do *hardpower*. O primeiro termo relaciona-se com a capacidade do país em atrair corações e mentes, pois as pessoas influenciadas seriam fortes proliferadoras dos valores culturais. Logo, esse conceito é compreendido como o conjunto de valores culturais que devem ser exportados, a fim de promoverem certa admiração nos estrangeiros. Por outro lado, o *hardpower* é o poder coercitivo, incisivo, significa que a potência hegemônica diminuiu a habilidade em ter seus interesses reconhecidos como os de todos. Teve de apelar, portanto, para o uso da força - o que alimenta sentimentos contrários à potência.

Os EUA souberam como nenhuma outra nação fazer uso do *softpower*. A citar a indústria cinematográfica hollywoodiana - capaz de encantar gerações de acordo com os ideais estadunidenses - os símbolos americanos como a Coca-Cola, a ideia de terra das oportunidades.

Porém, a realidade, após os atentados de 11 de setembro, é bastante distinta. As práticas coercitivas no Oriente Médio não colaboram com a permanência americana no *status* de potência hegemônica, visto que o uso do *hardpower* compromete a imagem dos EUA no cenário internacional, além de elevar ainda mais a desconfiança entre os países.

Frente aos levantamentos discutidos, a contribuição de Dupas¹ é perceber que ainda há tempo para os Estados Unidos concentrarem esforços a fim de continuarem como único definidor da ordem global. Mesmo se descobrindo menos capaz de influenciar e controlar os rumos dos acontecimentos no exterior.

¹ Gilberto Dupas é coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional – Gacint – USP, presidente do Instituto de Estudos Econômicos (IEEI), e editor da revista Política Externa.